

Alberto Marini

Enquanto Dormes

 Planeta

Prólogo

Com frequência, terão ouvido discussões, ou até participado nelas, acerca da conveniência de visualizar a adaptação cinematográfica de um romance antes de o ter lido. Ou a de não o fazer, no caso de já se ter lido o romance e este nos ter agradado. Ou a de tornar a ler o romance em causa, depois de ver a sua adaptação para o grande ecrã.

A este denso tópico de discussão, este romance vem injectar uma nova energia e diversificar as possibilidades. Porque, mesmo antes de existir, inspirava já o filme correspondente. Ou talvez ambos se tenham inspirado um no outro. Ou talvez os dois se tenham inspirado em qualquer outra coisa. Ou sabe-se lá. E, ainda que tudo indique o contrário, o processo não deixou de ser transparente.

Primeiro, surgiu um guião. Veio parar às minhas mãos sem esperar, quase de forma accidental. Contudo, antes que o pudesse concluir, sabia que o destino estava já selado: tinha de realizar este filme. E teria de o fazer de imediato.

Desde o primeiro momento, senti-me fascinado pela história perversa e intrigante, de modo tão brilhante enredada, que, sem que disso o leitor se pudesse aperceber, conseguia envolvê-lo na sua trama de maldade. Uma trama repleta de personagens fascinantes e enternecedoras, um brilhante jogo de perversão e crueldade em redor de um protagonista cativante e inquietante, capaz de ficar gravado na memória e no coração. Um virtuoso exercício de *suspense*, quase qualificável de malabarismo.

Tratava-se de um território que me era familiar, ainda que não deixasse de ser uma paragem desconhecida. Uma personagem maldosa e perturbada, tal como centenas de psicopatas célebres, mas com uma personalidade e um *modus operandi* inovadores.

Não estava em causa matar, torturar ou esbofetear, como seria de prever. Porque o nosso homem não tocava nas vítimas. A sua maldade era muito mais perversa, muito mais subtil, muito mais plausível e familiar. Muito mais reconhecível.

E era essa a armadilha. A descrição era tão familiar e minuciosa, que depressa dávamos por nós a encobrir aquela maldade, a partilhá-la, a quase nela participar. Nisto residia a sua novidade, a sua profunda originalidade. E era também isso que a tornava tão aterradora.

Assim, não hesitei. Depois de devorar o guião, no espaço de poucos dias, eu e o guionista começámos a trabalhar no filme. A aproximar-nos da alma daquela personagem, que, por mais sinistra que fosse, não deixava de ser encantadora. A conceber um microcosmo familiar e reconhecível, que se pudesse constituir como terreno cómodo e prolífero para a maldade e a perversidade.

Apercebemo-nos, depois, de que o material original talvez fosse demasiado vasto para as possibilidades do filme. A linguagem cinematográfica encerra as suas particularidades, que, por vezes, são bastante caprichosas. Apresenta exigências que lhe são próprias. Assim, a pouco e pouco, à medida que o filme ia ganhando forma e vida própria, vimo-nos a prescindir de algumas das ideias e linhas de força do guião. A Nova Iorque original, por exemplo, acabaria por se ver substituída por uma Barcelona mais próxima e que, por circunstâncias pessoais daquela época, me era muito mais cómoda para o processo de produção e rodagem do filme. Isso obrigou-nos a alterar algumas personagens e a suprimir outras, a modificar algumas linhas de enredo, a adaptar o ambiente e os costumes.

O problema era que muitas das ideias e elementos que acabámos por preferir eram extraordinários e brilhantes. De tal modo que, como sempre acontece, e em especial para um guionista, todo o processo começava a revelar-se frustrante e doloroso.

Calculo, assim, que terá sido nessa altura que surgiu a ideia de um romance. O filme seguiria o seu caminho, que lhe era próprio e intrínseco;

a sua gestação, concepção e conclusão seriam reveladoras dos seus criadores, como sempre acontece com os filmes.

O brilhante gérmen que lançara raízes na mente de Alberto Marini não cessaria de crescer, acabando por culminar no romance que o leitor tem agora nas mãos, que amplia o universo do guião e do filme que deste derivou, enriquecendo-o, introduzindo novos matizes e caminhos, novas e tremendas subtis linhas de enredo. Um romance que, sem o pretender, é aquilo que o filme nunca conseguiria ser.

E, em relação a este novo tópico de discussão em torno dos romances e dos filmes, permitam-me tecer algumas considerações acerca do que penso que seja mais conveniente: vejam o filme e leiam o romance (podem prescindir do guião), sem qualquer ordem, porque tão indiferente será o que farão primeiro como a frequência com que o venham a fazer.

Seja como for, acabarão por se ver de forma irremediável capturados pelas invisíveis redes da personagem em questão. Sobre isso, não há qualquer margem para discussão.

JAUME BALAGUERÓ

Capítulo 1

O tinido intermitente do despertador do relógio de pulso. Um tom irregular, discreto, pouco audível, suficiente para, sobressaltado, Cillian abrir os olhos.

Apressou-se a desligar o alarme. De novo, o silêncio tornou a reinar no quarto, apenas quebrado pela respiração de Cillian e por uma outra mais leve e um pouco mais acelerada, que vinha atrás de si.

Ainda com a mão sobre o relógio, rodou o pescoço, procurando minimizar os movimentos sobre o colchão; a rapariga que dormia a seu lado não despertara. Continuava imersa num sono profundo, com o rosto ocultado pelo cabelo ruivo e frisado. Observou o peito, movendo-se ao ritmo do ar que lhe entrava nos pulmões, pressionado contra o colchão. A boca um pouco aberta; não respirava pelo nariz, mas, pelo menos, não ressonava.

Cillian ficou deitado na cama, destapado, em calças de pijama e *T-shirt*. O protocolo de sempre, enquanto esperava por ela.

Pontual, como todas as manhãs, não se fez rogada. A comoção que dele se apossava alguns segundos antes de despertar, oprimindo-lhe o peito e quase o impedindo de respirar, revelou-se precisa, como sempre. Cillian voltou-se de rosto para cima, com o olhar fixo no tecto, as mãos agarrando os lençóis. A sua respiração intensificou-se. A aceleração dos batimentos cardíacos perceptível nas têmporas, nos dedos das mãos, no pescoço. A boca secou-se-lhe. Sentia falta de ar. De ar.

Levantou-se de um salto, cambaleante, como se pudesse deixar tais sensações aprisionadas na cama, junto da ruiva. Uma pequena trégua.

Contudo, em breve a angústia regressaria, num acesso ainda mais violento. Possuía pouco tempo. Respirou fundo, para recuperar. Depois, ajeitou o seu lado da cama; sem fazer ruído, meticuloso. Aproximou o rosto do dela. Os lábios beijaram o cabelo acobreado, ao mesmo tempo que sussurravam: «Adeus, Clara, minha querida.»

Descalço, saiu do quarto.

O relógio, sobre a mesa-de-cabeceira da rapariga, marcava as 4 h 30 m. Sobre a mesma uma fotografia da ruiva abraçada a um outro homem que não era ele.

Cillian percorreu o corredor até ao quarto de hóspedes. Aí, sobre uma cómoda, estava a sua desgastada mochila. Certificou-se de que o seu caderno de capa preta estava no interior. Pegou nas suas coisas e, pressionado pela necessidade de sair dali o quanto antes, dirigiu-se para a sala.

A televisão continuava ligada desde a véspera, com o volume em silêncio. No chão, junto ao sofá, um prato com restos de salada de fruta. Hesitou em recolhê-lo, mas, após considerar consequências de tal acção, optou por o deixar onde estava.

Em pijama e descalço, Cillian abriu devagar a porta, saiu sem fazer ruído e, com delicadeza, fechou a porta.

Enquanto o elevador subia, observou, cansado, os seus pés perfeitos, brancos, de unhas cuidadas. Devia ser a única parte do corpo próxima da perfeição. Deparou-se com o seu reflexo no espelho. O rosto pálido, os olhos encovados. Essa constante expressão de cansaço, que, juntando-se ao resto, o fazia parecer ter mais do que os seus trinta anos.

O elevador chegou ao 12.º andar. Restava-lhe um lanço de escadas para a sua meta.

Ao abrir a porta de metal, o gélido ar do Inverno, como uma tremenda chicotada, despertou-o de forma abrupta. Cillian encolheu-se, um espasmo percorreu-lhe o corpo. Lá fora, a temperatura estaria vários graus abaixo de zero. Um ténue manto de neve acumulara-se sobre o chão.

Caminhou apressado pelo terraço, tentando abreviar o suplício do contacto dos pés com o soalho gelado. Escorregou várias vezes antes de chegar ao varandim.

Das chaminés do edifício saíam espessas colunas de fumo.

Agarrando-se a um dos postes metálicos que sustentavam o tanque de água, ergueu-se até ao parapeito, sem hesitar. Em precário equilíbrio, espreitou para o abismo. A rua, sessenta metros abaixo, apresentava-se deserta. Esse pequeno pedaço da cidade que nunca dorme continuava a dormir. No passeio coberto de neve, destacava-se um automóvel vermelho, estacionado abaixo do ponto em que Cillian se encontrava.

Ficou embasbacado, a observar o que o rodeava. A enorme mancha escura do Central Park, a duas ruas dali, para oeste. À esquerda, as luzes do centro, sempre acesas. As silhuetas dos arranha-céus mais emblemáticos da cidade, recortadas sobre um fundo celeste. Era o típico postal de turista, mas nunca deixava de lhe captar a atenção.

Uma rajada de vento fê-lo perder o equilíbrio, resgatando-o para a realidade. Chegara o momento. Não fazia sentido adiar por mais tempo. As mãos e os pés, congelados, já não lhe davam segurança. Estava demasiado frio até para alguém prestes a morrer.

Raciocinou: *Motivos para regressar à cama*. Os primeiros, ocorreram-lhe sem esforço: *Está frio, tenho um bom emprego...* Sentiu alguma dificuldade em descortinar um terceiro – teria sempre de existir um mínimo de três – *Inicie uma relação com a Clara...*; pouco depois, encontraria mesmo um quarto motivo: *A minha mãe envergonhar-se-ia ao reconhecer o meu cadáver, esmagado no passeio, em pijama, com a mochila da lavandaria*.

Podia ter continuado, mas era suficiente. A balança pendia com clareza para um lado.

Soltou o poste do tanque de água e abriu os braços. Estava determinado. Estendeu a perna direita para a frente, sobre o vazio. Despediu-se do Central Park, do Empire State, do terraço, da neve. Deu o grande passo em frente.

O corpo inclinou-se, uma imagem insinuou-se-lhe na mente: o rosto sorridente de Clara, a rapariga ruiva ao lado de quem despertara.

Alteração repentina de planos. Tentou recuperar o equilíbrio. Esticou o braço direito para trás, tentando agarrar-se de novo ao poste metálico do tanque de água, mas não o conseguiu. O seu corpo estava já demasiado inclinado para a frente. A outra perna perdeu o ponto de apoio. A queda para o passeio iniciava-se no momento em que conseguiu voltar

o corpo, tornando a encarar o prédio. Mesmo a tempo de não falhar uma segunda oportunidade: conseguiu agarrar-se às barras de ferro do varandim. O corpo conseguiu reter de súbito a recém-iniciada queda.

Permaneceu com as pernas suspensas sobre o vazio. Preso à vida apenas pelas mãos, semiparalisadas pelo frio. O rosto sorridente de Clara tornou a insinuar-se perante os seus olhos, sem ter sido invocado. Encontrou as forças necessárias para erguer uma perna e para apoiar o pé na estreita cornija que rodeava o terraço. Teria de flectir os braços e de erguer o corpo. Procurou na memória, encontrando uma recordação: uma ocasião em que a rapariga fora muito feliz. Cerrou os dentes, transformou a raiva em energia. Fez um último esforço para conseguir impulso e regressar ao outro lado.

Deixou-se cair sobre o terraço; exausto, a salvo. A respiração descompassada. O olhar fito no céu cinzento. *A Clara vale a pena*. Nesse momento, pareceu-lhe mais óbvio do que alguma vez o fora. Clara era uma razão suficiente para seguir em frente.

De regresso ao elevador, tornou a observar o corpo. Os pés arroxeados pelo frio. As mãos, ruborizadas, agitadas por um involuntário e incontável tremor. Na operação de auto-salvamento, acabara por se esfolar. O dedo anelar da mão direita sangrava em redor da unha.

A respiração continuava acelerada. No rosto, ainda ruborizado, destacavam-se os olhos: esbugalhados, enlouquecidos, ainda que invulgarmente vivazes. O reencontro com o seu reflexo, que, poucos minutos antes, lhe parecia bastante improvável, fê-lo esboçar um sorriso.

Saiu para o elegante átrio do edifício, onde se encontrava a guarita do porteiro, ainda vazia. Tudo se mantinha silencioso e tranquilo. Restava-lhe um patamar de escadas para penetrar nas entranhas do edifício.

Abriu a porta do acesso à cave e, acompanhado pelo retumbar das caldeiras, desceu por umas compridas e estreitas escadas.

Percorreu o corredor da cave. No tecto, um labirinto de tubagens procedentes de locais distintos confluía para o mesmo ponto de origem.

Passou em frente à divisão onde se encontravam as máquinas de lavar do prédio, iluminada apenas pelas luzes vermelhas de presença das máquinas, em modo de espera. Depois, transpôs a porta da sala das caldeiras, para onde confluíam todas as tubagens.

O seu destino era a última das portas, ao fundo do corredor.

Entrou no seu estúdio. A cama estava intacta. Um espaço de vinte metros quadrados, que, apesar de tão reduzidas dimensões, estava mobiliado com gosto e conseguia ser aconchegante. Os maiores problemas residiam na ausência de luz natural e no tecto. Este, sulcado por dois ruidosos e inestéticos tubos, que entravam pela casa de banho e desapareciam do outro lado da parede, para a sala das caldeiras.

O espaço fora idealizado em duas áreas distintas. De um lado, a cama de solteiro e um guarda-roupa de madeira escura; do outro, um sofá de veludo de dois lugares, em frente a uma televisão, uma pequena cozinha, constituída por um fogão e um velho frigorífico. A casa de banho, de frente para a porta de entrada, um exemplo de sentido prático: em dois metros quadrados coexistiam uma retrete, um lavatório e um polibã.

Despiu com rapidez as roupas, ainda frias em virtude da incursão no terraço, e colocou-se por baixo de um jacto de água a ferver. Esfregou com força todo o corpo e, por fim, relaxou. A angústia dos primeiros momentos da manhã fora controlada e derrotada. Aquele duche revelava-se o melhor momento do dia. Nunca deixava de o ser, sempre que conseguia prolongar a vida por mais vinte e quatro horas.

Nenhum dos residentes no prédio teria consciência daquilo que, todas as madrugadas, se passava na cabeça de Cillian. Um ritual que se repetia em diferentes cenários, e desde muito antes de ali viver. Na verdade, desde os dezassete anos que jogava à roleta russa com a própria vida. Todas as manhãs, decidia se devia viver mais um dia.

Desde os dezassete anos, o único consolo que o motivava era o de poder pôr termo à vida a qualquer momento. O seu futuro limitava-se a vinte e quatro horas, à contínua procura de razões pelas quais valeria a pena uma nova contagem decrescente. Para ele, era óbvio que, se a vida fosse demasiado angustiante, demasiado vazia, ou apenas demasiada por si só, teria já cortado o mal pela raiz. E não mais haveria angústia, não mais haveria vazio, não mais haveria o que quer que fosse. Dependia dele, apenas dele.

Por mais de meia hora permaneceu debaixo do jacto de água. As suas mãos, ruborizadas pelo calor, começavam a enrugar-se. Já chegava.

Vestiu-se junto à cama. Nada no seu aspecto reflectia o tormento. Cillian parecia um homem vulgar, bastante discreto, ainda que sereno. Vestiu camisa branca e calças pretas, com um risco cinzento. Sapatos de pele preta e, por último, sobrecasaca preta com botões cinzentos, e chapéu a condizer.

Cillian tinha então trinta anos, três meses e seis dias... Até ao momento, conseguira sobreviver a si próprio.